

Ashjan Sadique Adi  
Fábio Bacila Sahd  
(Orgs.)

ORIENTE MÉDIO E PALESTINA PESQUISADOS A  
PARTIR DO BRASIL: REFLEXÕES ACADÊMICAS,  
MARGINAIS E CRÍTICAS  
1ª Edição Eletrônica

Uberlândia / Minas Gerais  
Navegando Publicações  
2020



# PSICANÁLISE, CATÁSTROFE SOCIAL E TRAUMA. OS XIITAS DO SUL DO LÍBANO: RESILIÊNCIA E RESISTÊNCIA ANTE OS BOMBARDEIOS DE ISRAEL EM 2006\*

*Jamil Zugueib<sup>1</sup>*

## **Introdução**

O presente trabalho se propõe a apresentar a síntese dos resultados das pesquisas de campo realizadas no Líbano no ano de 2008, junto à comunidade xiita. O objetivo foi observar os fatores que contribuíram à sua resistência psíquica, nos bombardeios realizados por Israel em 2006, que ficaram conhecidos como a “Guerra dos 33 Dias”. Utilizou-se a metodologia de entrevistas de fundo, cujas questões semiestruturadas abrangeram suas histórias de vida familiar e profissional, privilegiando as identificações ao discurso comunitário. As enquetes se realizaram no extremo sul do país, na fronteira com Israel. As análises dos resultados possibilitaram sua divisão em três grupos: os mais velhos, os jovens sem engajamento político e os combatentes da comunidade.

O exíguo espaço que temos, obriga a nos concentrar na experiência da catástrofe vivida pela comunidade em foco. Na contextualização e história da comunidade, esquematizamos drasticamente os fatores sociopolíticos, que insidiosamente convulsionam o sistema comunitarista de governo libanês.

---

\* DOI - 10.29388/978-65-81417-18-5-0-f.47-90

<sup>1</sup> Professor aposentado da Universidade Federal do Paraná - UFPR, pós-doutor pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences sociales (Paris), doutor pela Universidade de Toulouse Le Mirail, coordenador do Núcleo de Estudos dos Processos Identitários, das crises e da cultura árabe.

## O propósito

A pesquisa procurou explorar as disposições psíquicas dos cidadãos, termo que nos remete à estrutura psíquica do sujeito e o que dela vai se manifestar num conjunto de atos em um ambiente de stress contínuo, pontuados de situações catastróficas. São eventos mobilizadores de intensa carga de afetos que desestabiliza suas subjetividades ou, em caso mais graves, os dissocia psiquicamente. Os efeitos da catástrofe de 2006 repercutiram de maneira diferenciada nesses atores, segundo fatores que exploraremos mais abaixo.

## Os eventos

Com a partida das forças de Israel, em 2000, quando dominavam aproximadamente 20% do território nacional desde 1983, a integridade do país restituía a dignidade nacional perdida, ainda que houvesse terras a serem reivindicadas. A luta de resistência durante quase vinte anos, liderada pelas milícias do Hezbollah, saiu-se valorizada e reconhecida nacional e internacionalmente. Com a continuidade da “resistência islâmica” comandada pelo Partido de Deus, Israel voltou ao país em julho de 2006, após a captura de dois de seus soldados. Assim começou a guerra que, segundo o presidente israelense, deveria enviar o Líbano cinquenta anos para trás (MERMIER; PICARD, 2007).

Durante 33 dias consecutivos, as forças israelenses visaram as cidades de maioria xiita e a destruição de sua infraestrutura. O objetivo era atacar o Hezbollah e sua possível extinção. Surpresas pela resistência e contra-ataques da milícia xiita, que causava sérias baixas em suas linhas, os efetivos israelenses recuaram e deram por terminada a sua guerra. Ignoram-se as baixas do Hezbollah; no entanto, houve a morte de 1.183 civis, 4.059 feridos e perto de um milhão de pessoas deslocadas de suas casas. Foram 162 as baixas no exército israelense e

de 41 civis que habitavam a cidade israelense mais próxima da fronteira. Os disparos de obuses provocaram o deslocamento de duzentos e cinquenta mil pessoas (VERDEIL, 2007).

Pela primeira vez na história das diversas invasões aos países vizinhos, o exército sionista se viu obrigado a interromper seu avanço pela resistência de uma milícia. Esse recuo imposto pelo Hezbollah tornou-o o “brinco do Islã”, com espetacular repercussão em todo o Oriente Médio. A comunidade em júbilo se conagraçava em torno do comandante do Hezbollah, *sheikh* Hassan Nasrallah que, em seus discursos, exaltava a sua “vitória divina”. Segundo nossos entrevistados, esta guerra foi o último capítulo de atrocidades e destruições que permeiam sua história. Os velhos conflitos interseccários não resolvidos desde a independência do país (1943) vieram a desembocar na guerra civil de 1975. As chacinas cometidas e a demolição completa do país extenuaram os cidadãos que, ao final do conflito, desejavam “esquecer” os tempos de barbárie. Mas o percurso continuou para os xiitas que habitavam o sul do Líbano, fronteira com Israel. Ao final da guerra, as forças israelenses estabeleceram nessa região uma zona dita tampão de segurança, com seu domínio absoluto por quase vinte anos. O subjugamento da população e seus eventos paradoxais irão se configurar, a cada nova crise, como campos de afetação traumática, um espaço relacional, cujas dimensões da experiência subjetiva propiciarão a criação e apreensão de sentidos para com os excessos da situação. Nexos que serão adicionados como humilhações e lutas à narrativa da comunidade.

Investigamos também o efeito das ideologias e das crenças na resistência psíquica e como reprodutor da violência. Esses sistemas de pensamento (os dois tomados aqui como ideologias) sustentam e conduzem as representações sociais (LIPIANSKY, 1991) que se compartilham no grupo e tomam parte nos processos identificatórios individuais como também modela a identidade coletiva. Na estruturação desses laços sociais a cultura fornece uma modalidade de organização

própria que se estende à organização psíquica inconsciente de seus componentes (KAËS, 1998). Desse modo, a ideologia será introjetada como objeto idealizado (uma leitura perfeita), chave de orientação e de interpretação da realidade circundante. Foi possível observar sua ação apaziguadora na defesa contra a desorganização individual e no fortalecimento da coesão grupal. A percepção e o sentido dado ao traumático serão, então, mediados pela leitura ideológica, que oferece também os recursos simbólicos para o seu enfrentamento. Entretanto, seja como estímulos estressantes contínuos ou como um evento traumático pontual, a violência, a curto ou a longo termo, vai evidentemente marcar, alterar a dinâmica do funcionamento mental do sujeito.

A comunidade se encontrava sob dupla pressão. Há o opositor e o inimigo sectário interno e, por outro lado, há o perigo que Israel representa como invasor tenaz de suas terras. Ao final do trabalho serão privilegiadas as análises das condições psíquicas dos jovens mais distanciados de engajamentos políticos e as do *mujahid*, o combatente sagrado na senda de Deus, engajado na luta de libertação.

## **O contexto social do Líbano**

A composição da sociedade libanesa reúne comunidades confessionais, que passaram a se antagonizar mais agudamente a partir do século XIX pela hegemonia daquelas montanhas. Atualmente são dezoito os grupos que compõem a nação, mas apenas seis têm o poder de decisão na condução do país: três cristãos e três muçulmanos. Toda comunidade tem uma história de combates, sofrimentos e de mortes gravada em sua memória. Esta convivência concorrencial e excludente veio a desenvolver o rancor mútuo e provocar a rigidificação de suas fronteiras simbólicas. O Hezbollah, partido político e braço armado da comunidade xiita, recusa-se a depor suas armas ou integrar-se ao exército regular, como fizeram outras milícias após o fim da

guerra civil (1975-1990). Justifica essa atitude por atribuir-se o papel de defesa do país contra os ataques de Israel, já que o exército mostrasse impotente para essa tarefa. Esse contexto de memórias feridas vai promover atitudes políticas movidas pelo afeto e a desconfiança, determinando uma “cultura da discórdia” (CORM, 1986). A intransigência progressiva dessas propostas se acompanhou de um engajamento decidido do sujeito social em defesa de suas diferenças. Pois é deste lugar que o sujeito vai participar do projeto de sua comunidade; ele se compromete socialmente e transforma-se em ator da narrativa grupal. Ele apela ao “nós” para dirigir suas ações, e é esse “nós” que designa o sujeito social “do qual se poderia falar, por analogia, ao sujeito-indivíduo como gerador de fenômenos psicológicos e ao mesmo tempo enunciador: sujeito do enunciado, na primeira pessoa do plural” (BARUS-MICHEL, 2004, p. 58).

## **A comunidade xiita e seus eventos fundadores**

A comunidade é a mais numerosa do país detendo 30% de sua população. Mas vai conhecer, somente nos anos setenta, um processo gradativo de integração nacional, de melhoria do nível educacional e de efetiva participação no jogo político do país (CHARARA e DOMONT, 2004). Pouco mais tarde, o Hezbollah (mas também o grupo Amal) assume os projetos de luta da comunidade e conclama a união de uma “sociedade de resistência” que se inicia no combate à invasão israelense de 1982. Seus laços com os dirigentes clericais iranianos vieram abrir um corredor de sustentação, que assegura financeiramente a manutenção de uma rede de ações sociais e o suprimento de armamentos.

Como confissão os xiitas (cerca de 20% da população muçulmana mundial) não se diferenciam dos pressupostos escatológicos da maioria sunita. Sua fundação teve início por discordâncias sucessórias após a morte de Mohamad (Maomé). Seu sucessor, segundo eles, de-

veria ser Ali, primo e genro do Profeta (*Ahl al-Bayt*, ou gente da casa) que não foi respeitado. É nesse momento que a *Umma*, a comunidade dos crentes, se divide entre os sunitas e os xiitas. O termo *xiita*, em árabe, designa um grupo de partidários. Eles se autodenominam “os partidários de Ali” e irão se consolidar como comunidade distinta, com a morte de Hussein, filho de Ali, na batalha de Kárballah entre as duas facções. Esse evento (em 680) vai cristalizar o nó duro da representação identitária grupal e funda-se definitivamente como um movimento político.

Kárballah vai alimentar um discurso político-ideológico que radicaliza sua diferença e conclama seus adeptos à devoção religiosa ao sentido extraído desse evento. Hussein torna-se um ícone da lealdade ao Islã e à justiça, cuja mensagem plena de valores morais mediará as relações sociais da comunidade (MERVIN, 2008).

As homenagens e o pesar pelo seu martírio originaram os rituais da *ashura*, realizados anualmente com grande carga emotiva, acentuando um cunho dolorista a essa identificação (KHOSROKHAVAR, 2003). O clamor ritualístico, com seus efeitos de massa, atualiza, numa espécie de curto-circuito grupal, os votos de devoção e de ardor confessional. As demonstrações de autoflagelação nessas ocasiões foram combatidas pelo erudito *sheikh* Fadlallah, o líder espiritual do Hezbollah. O religioso evocava que os verdadeiros seguidores de Hussein eram os resistentes a Israel. Ele reafirmava que se devia lutar na Kárballah do sul do Líbano, e que todo dia é dia de *ashura*. O comandante do Hezbollah, Sayyed Nasrallah, instrumentaliza politicamente o ritual, declarando que é ali que se encontra o segredo da combatividade de sua milícia, sublinhando que a força de vontade e o respeito aos seus mitos fundadores podem vencer o inimigo. Hussein é representado como um revolucionário, cujo ato de morrer pela justiça lega à história uma mensagem aos oprimidos do mundo inteiro. E foi essa atitude digna que o eleva à categoria de sagrado (HARIK, 2006). Esta nova representação, observa Khosrokhavar, funda um ativismo trágico: matar,

destemer a morte ou se fazer matar na via de Deus. É esta representação que configura o nó duro da referência grupal.

Finalizada a apresentação de nossos sujeitos, abordaremos o papel da figura do líder na coesão grupal e nas suas construções identitárias.

## **O sujeito, o líder e as identificações grupais**

Freud (1913/1965) retoma a ficção Darwiniana, como paradigma de início da sociedade, na qual é construído o mito da horda primitiva e a identificação ao pai na pré-história, como aquisição filogenética de cada indivíduo. Encontram-se aí os fundamentos da lógica da natureza da crença, assim como a ideia de Deus e o laço social. Lembremos sinteticamente: com o assassinato pelos filhos do pai originário, que onipotentemente detinha o poder absoluto e interditava o acesso às mulheres, permite que estes ultrapassem a ordem da natureza para a da cultura.

Essa relação coletiva se funda quando os irmãos, com um mesmo propósito se reúnem sob a mediação da linguagem para estabelecer um projeto comum: igualdade na convivência e a interdição do incesto. Esta ordem simbólica funda o grupo, diferenciando-o dos animais. Entretanto, a culpa pelo ato induz à construção de um totem à semelhança do pai morto, agora idealizado, e que será venerado religiosamente, auxiliando a mitigar o desamparo estabelecido. O culto totêmico vai dar curso na fundação da religião, enquanto que as primeiras interdições do contrato fundam os conceitos morais de um agregado humano (o sentimento social).

Nessa perspectiva metapsicológica, Freud (1921/1981b) vai destacar o papel do líder no laço libidinal de um grupo, como o herdeiro da horda original. Sua figura idealizada será aquele que possui as qualidades faltantes nos liderados e deste modo o chefe tomará o lugar do Ideal-do-Eu de seus componentes. Tomados pela idealização, assu-



jeitam-se amorosamente a esse líder e, envolvidos pela emoção e a suggestionabilidade, acabam se identificando uns com os outros. Ele converte-se em depositário das representações do narcisismo grupal, e de seus desdobramentos no projeto comunitário ou numa causa a defender. Essas projeções imaginárias mobilizam e alimentam nos liderados o vigor da pulsão nas situações de crise. Uma milícia (ou uma proposta ideológica) encarna essa dinâmica e será o nó duro da “alma grupal” que se organiza em torno de seu comandante. Estes vínculos identificatórios serão os mediadores entre o sujeito e a sociedade mais extensa, o que nos faz lembrar que é impossível pensar um indivíduo sem se referir ao grupo no qual ele está inserido.

O desenvolvimento da identificação individual subentende o trabalho da simbolização que se sustenta a partir das primeiras introjeções de traços das figuras parentais e de seus desdobramentos. A apropriação da mensagem de seu núcleo familiar pelo *infans* e a submissão aos interditos sociais ao final do complexo de Édipo formarão a base da transmissão cultural e de seu funcionamento psicológico. O Super-Eu e seu reverso, o Ideal-do-Eu, compartilhado no grupo, explica a transmissão intergeracional e permanência da narrativa grupal. Enquanto o Super-Eu, como obrigação de interdição, dividirá e restringirá o sujeito, o Ideal-do-Eu propiciará a construção de uma miragem a ser atingida. É a promessa de resgate do Eu-ideal, da relação de plenitude vivida anteriormente com sua mãe, e perdida. O resgate do narcisismo perdido de sua infância. Por essa característica, o Ideal-do-eu funciona como agregador grupal. Este processo faz da unidade de pertencimento do sujeito, o suporte (o apoio da relação de objeto e do narcisismo) e a oferta de uma trama de sentidos, de figuras exemplares e de ícones culturais que participarão, como traços, na construção da identidade individual e o seu reverso coletivo.

No Líbano, a rigidez das diferenças acentua a tensão nas relações de alteridade. Os mesmos fatores que incidem nas relações de identificação individual, também serão determinantes nas relações

grupais. O Outro será modelo, referência ou adversário (FREUD, 1921/1981b). Esse quadro, com seus eventos reais e imaginários, concorrerá para a construção de uma estrutura fantasmática e um caráter relativamente organizado do funcionamento psíquico do sujeito.

## **Metodologia**

Nossas interpretações se referem às vinte entrevistas de fundo que objetivaram suas histórias de vida, realizadas com sujeitos de ambos os sexos e com nível superior de educação. A idade dos jovens varia entre 23 a 28 anos; os adultos entre 47 e 78 anos. Desse total, dez não eram engajados a grupos militantes; o restante participava ativamente dos trabalhos de suas mesquitas ou em grupos de ação política. As cidades foram Khiam, que abrigou um presídio estabelecido pelas forças invasoras, e a histórica Bint J'beil localizada a três quilômetros da fronteira. As entrevistas foram realizadas nas residências dos informantes, na língua árabe e depois traduzidas por profissionais credenciados e vinculados ao consulado brasileiro. O exame do conteúdo dos testemunhos organizou semanticamente as diferentes formas de se expressar dos sujeitos. Esse trabalho foi auxiliado por um programa eletrônico (REINERT, 1992) que detecta as diferenças não aparentes e as identificações desses textos. Essas análises e o “olhar clínico” do pesquisador nas nuances dos testemunhos dessa experiência subjetiva, permitiram repartir a amostragem em três conjuntos. Cada um delimita disposições psicológicas e representações que convergem para um sentido comum. São eles:

- 1:** O distanciamento. Representa os jovens menos engajados politicamente.
- 2:** A história vivida. Corresponde à geração mais velha da população.
- 3:** O Engajamento. Representa os combatentes milicianos

## Os resultados das entrevistas

Partimos da concepção de que um sujeito xiita é, por suas identificações míticas, sempre um combatente. Ilustramos essa atitude nos comportamentos de abnegação no conjunto dos mais velhos. Suas experiências de tragédias vividas em suas histórias fazem elo com o sentimento de ameaça da atualidade.

Nosso território e nossa pátria está em perigo depois que o inimigo foi implantado em nossa fronteira. Ele ambiciona estas terras desde a fundação de Israel e há muitos registros históricos antigos e mais recentes que comprovam isso. Já Herzl e o primeiro presidente israelense Ben Gurion tinham planos de se apropriar da região do rio Litani (professor de Bint J'beil).

Terminados os bombardeios, Rábia, diretora de um colégio em Bint J'beil, retorna ao seu povoado e encontra sua escola totalmente destruída. Ela faz o seguinte testemunho:

Pessoalmente as guerras me deixam em situação de crise, mas logo me adapto e vou em frente. Nasci na guerra e não vivi uma fase de equilíbrio social para sentir algo de novo nisso. Esses bombardeios não foram uma novidade. Quando cheguei às ruínas de minha escola consegui não chorar, quando todo mundo ao redor chorava. Pensei que isso não devia levar a nada.

Em seguida ela retoma prontamente seu papel na direção e parte para a reconstrução. Sua atitude pragmática e resignada a conduz a viver na sua sociedade eternamente convulsionada, seguindo a sua história, não mais que isso. “Estou tranquila, a única coisa que me preocupa é uma nova guerra. Para nós xiitas, Deus nos pede o trabalho e o esforço”, (a *jihad*).

O limite exigido para esta publicação obriga-nos a optar na redução desses comentários. Porém deixamos ressaltado que a perspectiva histórica de seus representantes, exemplifica a inquietação constan-

te sobre as pretensões do inimigo. A catástrofe recente provocou a narrativa e, com ela, a exigência de trabalho na resiliência. Operação que faz laço comunitário; o pragmatismo, a persistência e a certeza da proteção de Deus. Retomaremos esse ponto mais abaixo nos dois outros conjuntos, já que encerram mais vivamente os dinamismos procurados na presente pesquisa.

## O grupo dos jovens

Esse conjunto representa os jovens civis e menos engajados nas correntes ideológico-partidárias. Eles demonstram alguma independência na interpretação dos acontecimentos sociais e na sua relação com o Hezbollah, procurando a significação dos fatos com certo distanciamento. Vamos ilustrar esse conjunto com dois depoimentos.

Norma (nomes fictícios), 28 anos, casada, professora de liceu, Kham.

Durante os bombardeios muitas pessoas vieram para minha casa. Vivemos momentos de terror, e as famílias persistiram morando aqui durante cinco dias. Vinte e cinco pessoas dormiam no térreo, pensávamos que o local serviria como abrigo, mas não foi o caso. Depois que ela foi bombardeada, deixei meu marido, e acompanhada de várias mulheres e crianças horrorizadas, saímos de carro em disparada sem saber para onde ir. Condoía-nos ver as pessoas que fugiam a pé.

As condições psíquicas:

Como esquecer a dor pela perda de nossos mártires e a fuga apavorante que tivemos que fazer? Nossa região é belíssima, nossos jovens maravilhosos, mas tudo que fazemos durante anos, Israel destrói em alguns segundos, por isso me sinto incapaz de pensar no futuro. Não conseguirei a tranquilidade enquanto Israel continuar presente por aqui e acho que nossa guerra será eterna. Vivo o dia a dia. A dor e a tristeza sempre dominaram nossas vidas, e atualmente acho que todos nós precisamos de assistência psicológica.

E complementa:

O que é certo é que nós venceremos. Isso é uma certeza. Os habitantes de Khiam são cidadãos heroicos. Em 1977 na guerra civil, perderam tudo, propriedades e pessoas queridas, em 1982 e 2006 o mesmo se repetiu, e apesar de todo o sofrimento, ainda temos esperança na vida e no amanhã.

Nanci, 24 anos, solteira, professora de liceu, Khiam.

Eu estava sozinha nas montanhas quando, subitamente, iniciaram-se os bombardeios. Eu vi a morte na minha frente. Foi horrível escutar o silvar das bombas e o barulho de tudo aquilo. Apavorada eu só rezava e pensava em meus pais que moravam em Beirute, na expectativa de que um míssil caísse em minha casa. Quando os ataques diminuíram, eu e os vizinhos pegamos um carro e fugimos. Todo mundo corria e os carros estavam superlotados. Anteriormente meu pai tinha sido preso pelos invasores israelenses. Ele tinha quebrado a mão e eles pensaram que meu pai era um combatente. Eu tinha seis anos e era muito ligada a ele, assisti a sua prisão e não posso esquecer a humilhação vendo como ele foi tratado naquele momento. Ficamos meses sem saber onde ele se encontrava. Quando ele foi libertado, ele não podia andar e ficou manco de uma perna pelas torturas sofridas.

As condições psíquicas:

O ódio e a honra ferida continuam. Esses momentos são períodos de perda de nossas vidas. Somente bombardeios, dor e medo. A guerra acabou, mas esperamos outra e vivemos sempre em suspense. Eu lembro aqueles dias, como se estivesse vendo a sequência de um filme. A situação política do Líbano não é estável, não sabemos qual é nosso seu futuro, repetem-se os atentados e mortes de líderes. Eu sou inquieta, instável e não consigo exprimir esses sentimentos. Às vezes eu sinto que vou me matar. Mas reflito que devo continuar nesta vida que me foi imposta. Eu não posso pensar no futuro, pois não sei o que ele me esconde. Eu sinto que minha vida está fechada. Só em casa me sinto segura, e quando saio fico pensando se irei voltar.

## Interpretações

Sublinhemos que os testemunhos recolhidos, a cultura grupal e o trauma em sua dupla face individual e coletiva, circunscrevem uma situação paradoxal específica, cuja ressonância subjetiva é incerta e variada. Os depoimentos mostram que embora o psiquismo estenda os meios de autoproteção para se preservar dos traumas, sua reorganização tem um custo. O cenário de morte e a falta de perspectiva de suas vidas futuras provocam nessas professoras o luto (Norma) e a desolação melancólica (Nanci). “No luto é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego” (Freud 1917/1974, p. 278).

A contribuição de Ferenczi (1934/2011) sobre a clivagem auxilia a compreensão do funcionamento do Eu na situação traumática. Sua desestruturação pelo excesso de estímulos causado pelo choque provoca a interrupção de parte da atividade psíquica consciente, resultando na repetição de afetos dissociados que encobrem as experiências traumáticas. Tal mecanismo é a tentativa de irrupção representacional dessa experiência que não pôde ser simbolizada (já que se encontra recalçada).

A consequente desorganização vai enfraquecer o sentido de si mesmo e a perda dos referenciais da situação. O choque causado pela potência de certos eventos disruptores pode levar ao aniquilamento do sentimento de si (Nanci), e da sua capacidade de resistir, de agir e de pensar, o que vai exigir do sujeito nova reconfiguração subjetiva, enfrentando ou se acomodando à nova realidade. Ferenczi focava seu interesse no equilíbrio entre o indivíduo e seu meio mutável, o que implicava uma mudança na metapsicologia freudiana, segundo a qual o princípio do prazer busca um equilíbrio estável do aparelho psíquico.

Entretanto, após o abandono da teoria da sedução, Freud (1920/1981a) toma em consideração o despreparo para a situação e a intensidade do evento que desorganiza os mecanismos defensivos do indivíduo. O fator surpresa desencadeia o choque desestruturador, que

desperta o terror na situação sentida como ameaçadora. O seu transbordamento, como acontecimento de excessos, será dimensionado na relação do sujeito e o meio circundante. A realidade psíquica será a soma de traços deixados por essas experiências relacionais, enquanto que a realidade exterior será aquilo que a percepção dá a conhecer do mundo ao redor. É essa realidade psíquica de cada um que nos dirá se um acontecimento foi ou não traumático para ele (Canavê, 2015).

Após essas observações, vamos focar nossos depoimentos:

A elaboração do luto por Norma é lento, não só pela persistência de seu imaginário trágico atual, mas ao que ele faz evocar de outros sofrimentos não tão distanciados em sua história. Dessa maneira, seu campo de afetação desenha-se flutuante e longo no tempo. O estado de alerta e a angústia irão se delineando no decorrer dos envolvimento de sua comunidade nos conflitos armados. Esses sofrimentos em série deixam marcas em sua carne e espírito e, ao desânimo, adiciona-se o ódio, quando ela constata que seus projetos de vida acham-se bloqueados. A exacerbação do ódio prolonga a crise pessoal, mas também é fonte que aciona e une a pulsão, no trabalho para atingir um alvo exterior (e não voltar-se contra si) ou na construção de novos objetos a investir.

Norma encontra o apoio no acolhimento de seus vizinhos e na representação de seus mitos fundadores, que a incita a tomar uma atitude de abnegação, paciência e trabalho. Três significantes que partem do ícone husseiniano e que se refletem como traços do caráter comunitário, já observados em Rábia. Todavia, esta paciência surge mais como resignação individual do que estratégia de espera para se renovar e ultrapassar as dificuldades, como faz a classe dos combatentes.

Já Nanci exemplifica a fragilização em virtude da experiência angustiante recente, que se conecta a eventos anteriores e que promovem uma realidade subjetiva mais afetada. Os excessos da situação externa brutal e súbita e para a qual a jovem não estava preparada, causam a comoção psíquica e o sentimento de desamparo. Adicionam-se

momentos de agonia que se conjugam no enfraquecimento de um sentido de si mesma, perdendo-se numa espécie de aniquilamento (FERENCZI, 1934/2011).

O desamparo se estende no tempo e a remete aos seus prototípicos sentimentos de fragilidade e de total dependência quando chegou ao mundo (FREUD, 1895/1973). A falta do pai nos recentes bombardeios se associa a sofrimentos anteriores, de outra perda, quando ele foi agredido por soldados e levado à prisão. As experiências de angústia fazem cadeia, acionando fantasmas atemorizadores, provavelmente relacionados com anteriores conflitos inconscientes (FREUD, 1926/1976).

Nanci exemplifica como o traumático se aloja na lembrança recalçada de um cenário insuportável (FREUD, 1895/1973). O fruto do choque nasce em um segundo tempo como representação, as imagens congeladas rompem o recalque, e invadem sua consciência como um cenário cinematográfico. O imaginário que se repete e a experiência da dor que não pode ser recalçada é acionada pela pulsão. As cenas aparecem como exteriores de si mesma, causando estranheza por não se engatarem às suas cadeias de sentido, acabam autônomas por falta de inscrição no aparelho psíquico. A jovem volta-se sobre si mesma por sentir-se impotente em reorganizar-se internamente, o que exigiria a metabolização dessas excitações e o investimento libidinal em novos objetos. O ódio e a angústia juntam-se à sua melancolia, e a excitação como pulsão de morte provoca seus impulsos suicidas.

Este mal-estar se agrava com a perspectiva de um futuro temerário e no aumento da violência política em seu país. Nanci exemplifica a inquietude e o humor rebaixado no cotidiano da população afetada. Mesmo que a jovem venha a recompor-se subjetivamente, o sentimento de humilhação dificilmente será esquecido. “Restabelecer” um sujeito afetado é insuficiente para livrá-lo do sentimento de humilhação, da vergonha e do ressentimento (CABRA, 2005). A vergonha é um afeto imposto do exterior e pode produzir a clivagem no psiquis-



mo (ABRAHAM, N. 1961/2001). A vergonha fica associada à dor moral e ao sentimento de humilhação impostos pelo inimigo. A vergonha faz par com o segredo e a divisão do eu, quando ela é negada ou dissimulada.

Acrescentemos outro depoimento que se refere diretamente à humilhação e aos objetos de identificações perdidos.

Daher, 23 anos, solteiro, estudante, Khiam: “Nasci em 1986, portanto, vivi 15 anos sob a ocupação e os atos agressivos do invasor. Toda pessoa que morou no Sul tem lembranças dolorosas, repletas de terror e sufocamento da liberdade. Ninguém dormia tranquilo, todo mundo tinha medo de ser detido ou ter sua casa destruída.”. Durante os ataques aéreos o jovem tem arrasado o conjunto de apartamentos que constituíam a morada de seus pais e tios. Destituído de seu abrigo e de tudo o que representava seu patrimônio simbólico, ele se depara com o âmago de sua crise, a dor e a humilhação:

Logo após os bombardeios o pior momento foi deixar meu pai e partir de Khiam. Meu avô se recusou a sair de sua terra, e por isso meu pai teve que ficar, são marcas que não se esquece. Apesar do sentimento de honra depois da vitória sobre o inimigo israelense, há um sentimento de dor por perder coisas queridas, minha casa, minhas lembranças e pertences. A perda é mais psicológica do que material. Se meus filhos perguntarem um dia sobre como era minha vida ou minha casa, não tenho nenhum registro disso, foram-se meus livros, minhas fotografias, tudo. As lembranças ocupam uma grande parte de minha consciência. Daqui pra frente com esse caos no Líbano, não sei quais serão meus passos para o futuro.

Joel Birman (2009) explora bem essa situação no drama de *Écuba*<sup>2</sup> contemplando uma Tróia em chamas. É a avó que chora indignada diante de seus destroços e que sintetiza toda a grande dor dos vencidos. Essa ficção veste como uma luva a experiência do real de Da-

---

<sup>2</sup> *Écuba* é a personagem principal da peça *As Troianas*, de Eurípedes (escrita entre 415 e 412 A.C.). A obra, que aborda a destruição de Tróia e a matança cometida pelos atenienses, põe em relevo as dores e o ódio dessa mãe e avó, imaginada por Eurípedes.

her. Igual a essa personagem, que tem o orgulho de sua estirpe esmagado, o jovem repete suas imprecações aos inimigos, desejando-lhes toda a infelicidade que o destino possa lhes reservar. Perdem quase tudo de seus referentes narcísicos e, com eles, o abrigo de suas residências, o bem mais significativo e derradeira trincheira de acolhimento. A perda da honra pela impossibilidade da defesa de seus bens, o culto dedicado pelo jovem a seus objetos de referência perdidos irão se cristalizar como algo insepulto e que impede a retração subjetiva para que se possa iniciar o enterro simbólico de seus mortos. Sem encontrar sentido eles pairam em seu psiquismo compondo um conjunto fantasmagórico que preenche seu vazio e sustentam sua melancolia. É esse vazio que o coloca na condição de pária, na insignificância a que se viu reduzido.

Em seguida veremos como o engajamento ideológico oferece um referencial assegurador, eliminando o sentimento de impotência e de abandono.

## **Os combatentes**

Este conjunto se atém aos fatos cotidianos e às representações de suas interações diárias. Diferentemente dos mais velhos, esta classe se distancia da narração de eventos mais distantes e se concentra nos fatos recentemente vividos. Eles mantêm uma atitude crítica, procurando um nexos entre essas ocorrências e sua prática na resistência. Deste modo, procuram o controle do real de suas experiências. O sofrimento e o espírito combativo são assumidos como marcas comunitárias, o que os faz encarnar em suas atitudes a identificação com um Hussein guerreiro. Vamos nos referir ao extrato de um só depoimento desse conjunto.

Al Dib, 28 anos, casado, técnico engenheiro, Khiam. Em tratamento médico. O depoente é ex-detento do presídio israelense construído na sua cidade. A entrevista foi realizada quando se encontrava

acamado em consequência de ferimentos causados por torturas. Nos seus depoimentos, podemos notar a primazia de argumentos lógicos, a determinação de suas atitudes, o controle das emoções e a inquestionabilidade de seus engajamentos.

Nossa religião tem entre os seus dogmas, alcançar o contentamento de Deus pelos nossos atos. Para nós, não se separa a religião da forma como lidar com as pessoas, portanto ela se cola com a política. A devoção se divide entre a devoção do sujeito ao seu Criador e a forma de tratar os outros. Kárballah para nós, tem o sentido da defesa do direito, da pátria, da religião e da mensagem de Deus.

A realização identitária:

Atingimos a felicidade e resgatamos nossa honra quando as forças israelenses, depois de 20 anos, partiram em 2000. Certamente não há como descrever a felicidade deste momento. Apesar da dor, quando se trata de guerra contra Israel, há sempre o sentimento de orgulho para nós *mujahidins*. Somos os donos da causa justa, não cometemos massacres, pois nossos princípios sagrados impedem essa conduta. Na hora de passar lembranças da guerra, falamos com um tanto de objetividade e realismo, que na nossa prática a tristeza ocupa o lugar que deve. A guerra não terminou, ainda temos territórios ocupados e libaneses nas prisões israelenses. O Hezbollah representa a resistência libanesa e não é ele que está combatendo Israel, mas sim, o contrário.

Um evento marcante:

Um fato de muita dor aconteceu quando meu pai foi detido e conduzido à minha frente na prisão, ele tinha naquela época 77 anos e sofreu muito ao me ver. Fui maltratado na presença dele, que sofreu mais tarde um derrame e faleceu, sem que eu pudesse assistir ao seu enterro. A destruição total de minha aldeia se acrescenta a essas tristes lembranças.

Condições psíquicas:

Devido à situação econômica do país e à detenção que sofri, me sinto ainda cansado e instável, a solução é enfrentar essa realidade. Se eu for descrever como me vejo depois da experiência pela qual passei, choro. Tenho tristeza e preocupação com minha doença. As cinco intervenções cirúrgicas que sofri são consequências das torturas que me impedem de trabalhar, tenho deficiência permanente em minhas mãos e no meu pescoço. Eu estava em liberdade e repentinamente as coisas se transformaram, a luz virou escuridão. Tive momentos de medo, mas certamente esse medo não me domina. Ultrapasso as coisas difíceis e adapto-me com facilidade, pois sou realista. Meu plano de vida é continuar a coisa que iniciei na luta contra a ocupação. Enquanto o Líbano estiver apegado a sua união, o Líbano estará sempre no bom caminho. Ao contrário de Israel, que é um estado discriminatório e que não aceita o outro. O Líbano é então a contraface de Israel.

## Interpretações

É nessa categoria que se encontra o núcleo duro da identidade comunitária. A participação nos recorrentes combates com o invasor e a vigília nos conflitos intercomunitários estabelecem seu campo de ação, que o surpreende e o desafia constantemente. A angústia, sinal presente no estado de vigília, o controle das emoções no enfrentamento a um real inquietante e o sentimento de encarnar o Ideal-do-Eu confessional foram os componentes primeiros na resistência contra as dissociações psíquicas individuais e na disciplina do grupo guerrilheiro.

Na milícia, cujo propósito é a própria concretização do ativismo pregado pela doutrina xiita, os sentidos de sua escatologia encadeiam os significantes de seu discurso. Esse fator harmoniza seus componentes pelos imperativos do Super-Eu/Ideal-do-eu grupal. O fortalecimento do Eu pelo triunfo do Ideal-do-Eu forjou o sentimento de valor miliciano e validou a liberação da pulsão de morte contra o oponente. O combate no enfrentamento a um invasor de longa data e de significação histórica completa, como dever e honra, o municionamento pulsional.

A dor concreta dos ferimentos do *mujahid* pode contribuir no recuo de seu sofrimento psíquico. Observa Ferenczi (1934/2011) que o sujeito se ocupando do sofrimento físico, dividirá sua atenção com as imagens de seus sofrimentos passados, e os cuidados que deve manter com a dor presente. A ferida corporal vai atrair energias catéxicas do psiquismo para estancar o desprazer dessa região.

Os ferimentos e a angústia do combatente não abatem seu ânimo de vida. Porém essa determinação de superar a escuridão em que se encontra, implica a necessidade de reaprender a viver outra vida (CYRULNICK, 2004).

Assevera o combatente:

O caminho para se renovar é a autocrítica, avaliando as ações e as reações. Quanto mais autocrítica e objetiva a pessoa for, mais ela está se renovando. Devemos ter disciplina e confiar em nossos líderes, qualquer ação irresponsável, sujeita a impetuosidade, serve ao inimigo. A nossa luta abrange todos os níveis e todos os domínios. Os atos coletivos e organizados são os que superam as dificuldades da melhor forma. Além disso, devemos ter em vista o bem e o interesse comum.

Devemos ter em vista que esses sujeitos, mais que os outros conjuntos, sofrem os efeitos insidiosos dos fenômenos psicossociais que atuam no funcionamento de um grupo. Ocupando um posto em sua milícia altamente organizada, eles transportam em seus corpos as marcas, a toda hora requisitadas, de uma ética e de um ideal a ser cumprido e, neste papel, o combatente procura a conformidade rigorosa com seus dogmas confessionais. Deste modo, a organização hierárquica de seu grupo, as significações escatológicas e a ordem comunitária estabelecem o fundamento, a direção e os canais para a sua descarga pulsional, sempre vigorosa. Sentindo-se em plenitude pela união de seu Eu com sua imagem idealizada, o miliciano superpõe corpo individual e corpo coletivo, que irão se confluir no gozo da assunção de uma imaginada identidade ideal.

A modelagem ideológica amalgama a integração da milícia e a fortifica para os futuros combates. Um miliciano do Partido de Deus tem sua formação não somente no manejo das armas. Sua convicção religiosa vai se aprofundar nas *madrasas*, o que vai lhe proporcionar certo refinamento cultural e ética comportamental. Como todo adepto da seita ele tem introjetado concepções que versam sobre uma organização desejável de sua sociedade.

Os filósofos que os inspiram procuram definir uma política ideal em um duplo sentido: uma política guiada pelas ideias justas, que não ceda às contingências, e que se conforme a um ideal de organização. A referência da metafísica de Al Farabi<sup>3</sup> é invocada para exprimir esta convicção: a ordem do universo deve se refletir na ordem política. Esta busca vai determinar uma importância especial à dedução nos estudos xiitas. Se Deus é um ser perfeito, causa primeira de todas as coisas, único e que transcende toda similitude, Deus então é identificado como o Ser necessário por si mesmo. Estes atributos divinos acordados entre os sábios terão, como consequência, o de transformar toda discussão teológica em uma discussão ontológica (AMIR-MOEZZI; JAMBET, 2004). Assim as propriedades de Deus, tais como possam ser conhecidas, deverão ser encontradas em um grau inferior no guia político justo. Singularmente, a inteligência, que é um fato de Deus, deve se refletir no homem como o intelecto adquirido e que não se separa do intelecto agente que o aperfeiçoa. Se Deus tem por essência, a unidade transcendente e real, e, por atributo a inteligência ou a ciência, então convém se aplicar essas propriedades à cidade perfeita. É nela que reinará o máximo de unidade, onde as ações estarão em concordância e em concórdia na procura do reino da inteligência e da sabedoria, onde apesar das diferenças inevitáveis, toda a comunidade pen-

---

<sup>3</sup> Al Farabi nasceu no Turquistão, em 872, e morreu em Damasco no ano de 950. Foi um filósofo muçulmano que inaugurou na Idade Média as grandes linhas de pensamento do Islã. Em sua filosofia dizia-se ao mesmo tempo influenciado por Platão e Aristóteles. Em seus tratados sobre as opiniões do povo e do Estado modelo, o filósofo apresenta uma utopia platônica, na qual a sociedade é comparada com um grande corpo único que estenderia suas ramificações à totalidade dos seres humanos.

sará, agirá e viverá em função de uma vida única, segundo uma profunda adesão ao ideal de unidade. É a política da *unidade*, pronta a se mobilizar contra os malefícios do múltiplo. O líder político ideal será na comunidade, como o órgão mais importante de um organismo vivo. Ele concordará que:

A política é uma medicina espiritual [...] e o verdadeiro sentido do poder político é o tratamento do mundo quando ele estiver doente, e a conservação de sua saúde quando ele é sadio. Ora a doença tem por origem a violência tirânica e as experiências aventureiras dos príncipes. A imperfeição do Estado como no corpo humano, vai de par com sua fragilidade (AMIR-MOEZZI; JAMBET, 2004, p. 269).

O combatente deverá, então, seguir as virtudes de um *imã* que tenha uma ascendência legítima, um promotor da união de corações, que seja magnânimo, ponderado e paciente, que não trate os homens como escravos, nem semeie a angústia e a avidez, mas considere seus governados como amigos que procuram a segurança, a justiça, a doçura e a lealdade.

Estas virtudes são encontradas, como vimos insistindo no exemplo de Kárbala, onde os companheiros de Hussein, unidos em um mesmo princípio, morreram no laço da lealdade contra a tirania dos injustos. Esta batalha torna-se o paradigma do pensamento etno-nacionalista do *mujahid*. Ele está pronto para o combate libertador, como resposta honrosa à opressão, preferindo a morte à humilhação.

A devoção ao ato extremo oferece como recompensa o paraíso eterno aos *mujahids*. Unindo religião, cultura e política, este combatente estará à altura dos grandes santos e sábios que ele encontrará nos jardins de Alá. E é no próprio Alcorão que se encontra este fundamento: “que eles combatam então, no caminho de Alá, aqueles que trocam a vida presente, por uma vida futura. E qualquer um que combata no caminho de Alá, morto ou vencedor, nós lhes daremos muito breve uma enorme recompensa” (ALCORÃO, 1989, 4:74).

Destes apontamentos sobre o ideal de uma política xiita, sublinhemos que: a justiça é a palavra mestra que rivaliza em importância com a inteligência e a sabedoria. A justiça política só poderá ser exercida depois do acordo entre as classes, em função de uma hierarquia racional. Al-Farabi, assim como outros pensadores, servem-se da noção neoplatônica de hierarquia a qual governa as relações dos níveis da realidade, mais ou menos vis, ou nobres. Ela cria também uma predileção por conceitos como grau e estação, no caminho de Deus; ordem e classe para as relações sociais.

Esclarecemos que, no xiismo (como no Islã inteiro), não há uma organização hierarquizada do clero, como se vê no cristianismo. Os fiéis escolhem seus líderes religiosos pela sua *marja* (seu discurso, seu saber) e confirmam sua obediência, versando a eles suas contribuições aos pobres (*o zakat*). O clérigo, com auxílio de sua equipe, recolhe o dinheiro e o administra na sua redistribuição. Seu saber nos assuntos que dizem respeito à comunidade e à jurisprudência (*o fiqh*) lhe confere autoridade para perfilar-se entre os grandes ulemás e que, dentre eles, podem vir a ser escolhidos como o líder coordenador do projeto comunitário (o *Wilayya al faqih*, liderança da comunidade instituída por Khoumeini que se estabelece até a chegada do *madi*). Esta formalização da hierarquia vai unir todos os componentes da comunidade em sua amplitude transfronteira, num alinhamento ideológico uniforme e um engajamento unificador mais decidido.

Eliminando dúvidas e aplacando as contradições, esses novos direcionamentos atraem, por decretos e *fatwas*, o reforço das instituições na estrutura comunitária e sua mensagem revolucionária. Observamos aqui o papel central da liderança do Irã nos propósitos de conduta e na determinação política que vem no bojo dos discursos dos *ulemás*. Esta nova ordem confessional serve de acolhimento aos combatentes, que aí, nesta corrente de princípios e emoções, sentem-se amparados em suas condutas. Lembremo-nos das declarações de Nasrallah citadas anteriormente, e acrescentemos esta mensagem do Envi-



ado de Deus: “para aqueles que praticam o bem neste mundo haverá uma recompensa. A terra de Deus é vasta! Aos perseverantes, ser-lhes-ão pagas irrestritamente suas recompensas!” (ALCORÃO, 1989, 39:10).

## Sayyed Nasrallah o louvado comandante

Sayyed Hassan Nasrallah, cujo nome significa “vitória de Deus” (de *nasr*, vitória e *Allâh*, Deus), está inserido no tronco da descendência do Profeta como indica seu título e logo, tem o direito de usar o turbante preto. Cercado por uma aura de invencibilidade, sua fotografia impressa em *banners* é afixada em diversas estradas e lugares públicos do Líbano, espalhando-se também às diversas regiões do Irã e do Oriente Médio. Como publicado nos jornais, sua vitória o transformou no “brinco do Islã”

O comandante também é identificado a um personagem de primeira grandeza nas histórias escatológicas xiitas. “O Yemenita” que será o ator chave no combate do final dos tempos liderado pelo *mahdi*, será ele quem carregará o estandarte da “via direita”, combatendo pela justiça (KASSATLY, 2008). Portanto seus comandados sob sua aura, só poderiam se sair vitoriosos na luta pela justiça, pois estariam sustentados pela transferência de forças divinas a seus corpos durante a ação, quando os múltiplos fenômenos sobrenaturais ocorridos seriam a confirmação de seus laços com as entidades sagradas. Momentos de magia que fazia irromper o inebriamento do gozo, quando estariam abrigados pelo Outro transcendental, tornando-os atores de um fantasma que os incitava a colocar em ato seus entusiasmos (ASSOUN, 2005).

Líder e milícia constituíam nesses momentos um corpo simbólico que atinge momentos inebriantes de acercar-se como que alucinadamente ao Eu-ideal dos *mujahidin*. Esta moral de vencedor fazia-os sobrepor o princípio do prazer sobre a realidade, e o fervor grupal

deixava em evidência seu livro sagrado: “aqueles que obedecem a Deus e ao Mensageiro, contar-se-ão entre os agraciados por Deus: Profetas, os sinceros, os mártires e os virtuosos. Que excelentes companheiros serão!” (ALCORÃO, 1989, 4:57).

Pleno dessas significações consensuais, corpo individual e corpo coletivo confluíam no gozo pela possibilidade de integrar-se ao corpo celestial. A libido do combatente dessa maneira expandida vai significar esses objetos como sendo seu próprio Eu. Dessa forma preenchido, diria Freud, “o auto sacrifício advém uma consequência natural” (FREUD, 1981a, p. 178).

A unificação de todos, sob a imanência de suas representações confessionais, alimentava a força pulsional no ardor de cada um, homogeneizando e robustecendo o alinhamento grupal sob a representação carismática de seu líder, o porta bandeira da causa e encarnação viva do tipo ideal comunitário. Nasrallah encarnava no desenrolar dos combates, verdadeiramente, um misto de deus e de humano para seus comandados e para a massa comunitária, que se regozijava nas louvações dirigidas ao líder. Pleno de potência criativa, sua determinação na luta o colocava como criatura intermediária entre a natureza divina e a humana. Destas interações, como vimos até então nos referindo de diferentes modos, o projeto identificatório comunitário enunciado, vai possibilitar que a força pulsional se inscreva no registro da representação. As satisfações pulsionais decorrentes, nos registros do simbólico e do laço social concorriam então para a ordem e a determinação nas ações dos *mujahed*.

A repercussão de seu discurso e a proclamada vitória divina concretizada pelo Hezbollah tiveram imensa repercussão entre as massas do Oriente muçulmano, oferecendo motivos para regozijo que vieram contrabalançar, ainda que momentaneamente, o estado de frustração que atravessam essas formações. Esta prova de força elevou seu status e o respeito de todos, independentemente do pertencimento confessional. Em seus pronunciamentos, invocavam-se os comporta-

mentos de excelência nacionalistas, exaltações ao sacrifício, determinação nos propósitos assumidos etc. O xeique exalta, enfim, a se *cultivar* um portentoso Super-eu e a se augurar a atingir ideais acima da média dos simples mortais. Seguramente essas exaltações refletem as características de sua própria personalidade e expressam um desejo intensamente conectado com a causa confessional. Essa era a exigência para seus comandados: possuir uma estrutura psíquica que suportasse essas demandas.

Achamos oportuno, nessas observações, citar um texto em que Freud aborda essa questão. O mestre sublinha que a introjeção de um Super-eu poderoso e onisciente torna-se uma força psíquica interna, que em seu lado positivo de comando é certamente a mais importante. Esse Super-eu vai se expressar através de aspirações conscientes e inconscientes e que vai levar como indicamos, às estratégias identificatórias, quando a pulsão instiga, por suas exigências de satisfação, o trabalho do sujeito para sua efetivação. Como censor, o Super-eu não só recalca, mas também:

Tenta isolar e afastar da concretização todos os desejos individuais que não satisfaçam o Eu Ideal. Em muitos seres humanos, esta luta entre libido e Super-eu não é forte, seja porque a libido é fraca e se deixa facilmente guiar pelo Super-eu, ou porque esse último é tão fraco que apenas assiste os caminhos da libido; ou, até mesmo, porque os ideais do Super-eu não foram exaltados acima das limitações da natureza humana, de modo que não exigem da vida mais do que ela está disposta a conceder. Esta última variedade de Super-eu é agradável para a pessoa que o porta, embora tenha a desvantagem de desenvolver seres humanos absolutamente banais. Um Super-eu que não exige muito da libido, obtém pouco: o homem que espera pouco de si próprio, também obtém pouco (FREUD; BULLIT, 1984, p. 57).

Freud complementa que um Super-eu cujos ideais são tão grandiosos que exigem do Eu o impossível produz grandes homens, mas também alguns psicóticos e outros neuróticos.

Sem nos ater a classificações, preferimos, antes de tudo, situar Nasrallah, como “o possuído” pelo seu ideal, pelo seu projeto, como tantos líderes que, por seu estado de alma, mobilizam massas e nações. O xeique é líder e sujeito heterônomo que se estrutura e cresce sustentado por uma sociedade distinta que se gerencia, ou melhor, que segue incisamente (fielmente) suas significações indutoras de comportamentos. Espécie de indivíduos que, nas observações de Assoun (2005), portam a *Schwärmerei*, um estado de espírito e de corpo mergulhado em um coquetel de entusiasmo, vibrações que propiciam a exaltação e quem sabe extravagâncias. Assoun o aproxima de um “apaixonado pelo sentido”, o religioso que coloca seu dogma em ato. Um líder com tal convicção acerca-se, segundo alguns, ao fanatismo, para outros à plenitude ideológica. E, se ele próprio se constrói no entusiasmo, seu inebriamento mobiliza e dissemina através de seu carisma, emoções intensas e o arrebatamento coletivo.

O sentido compartilhado de vê-lo como um possuído pelos espíritos o faz um visionário da causa, um demiurgo protetor da comunidade, um demiurgo misto de humano e a divindade que transforma a massa sugestível em movimento coletivo que se solda na fé (MOSCOVICI, 1991).

Seu discurso e sua presença delimitam um campo de afetação pleno de ardor e sentidos devocionais, tornando a massa afetada ou infectada pelo projeto, que vêm no bojo de seus discursos, imprimindo uma atmosfera de “efervescência pulsional” (ASSOUN, 2005). Seu projeto político de uma *sociedade de resistência* depreende-se da declaração de imã Khomeini: “Cada dia é *ashura* e toda terra é Kárbala.”. É nessa turbulência de paixões que situamos os *mujahides* decididos como Kanjar. O xeique sublinhava que a força se encontra nos homens e no desejo que os anima. Mais de uma vez, o xeique dava mostras de ser sustentado solidamente pelas construções do desejo, quando declarava que o inabalável propósito de lutar pela justiça do xiismo pode vencer os obstáculos mais difíceis. Sua declaração de que foi “a

vitória do sangue sobre a espada”, legitimava uma luta levada às últimas consequências. Nessa linha de pensamento, Nasrallah é um criador da história que pega o destino pela mão e impõe seu projeto. É nas palavras de Enriquez (2001), um sujeito que atinge “um certo grau de anormalidade” por sua ideia fixa e “sua alma de conquistador”. Galvanizando reações e uniformizando sentimentos, a força de sua figura atenua os limites entre o individual e o coletivo, o que vai atualizar a *assabyia* nas velhas relações tribais.

Terminadas estas considerações, passemos, agora, ao quadro montado com as disposições psíquicas e sintomas relatados por nossos informantes, que foram ordenadas de acordo com os conjuntos sugeridos.

Quadro 1 - Disposições psíquicas e sintomas do pós-guerra

Xiitas 2008		
	Fatores positivos	Fatores negativos
C1	<p>Orgulho e segurança dado pelo Hezbollah como entidade de defesa do Líbano;</p> <p>Prontos ao confronto, à procura de soluções e seguir em frente; amor próprio aumentado;</p> <p>Pragmáticos para superar dificuldades, ter paciência e não desistir;</p> <p>Maior responsabilidade pela comunidade, maturidade;</p> <p>Controle emocional, atenção nos fatos cotidianos e autocrítica;</p>	<p>Pessimismo, tristeza pelas perdas;</p> <p>Fadiga, sentimento de ultraje;</p> <p>Crença em uma guerra sem fim;</p> <p>Indignação pela ocupação israelense;</p> <p>Obsessão de que a guerra voltará;</p> <p>Marcados pelas torturas nas prisões;</p> <p>Inquietação psicológica;</p> <p>A instabilidade nacional refletida no indivíduo;</p>

	<p>União, disciplina e trabalho coletivo;</p> <p>Reforçamento das amizades, afiliação política;</p> <p>Resgate da honra e a defesa do bem comum;</p> <p>Dogmas religiosos dão suportes aos atos de violência.</p>	<p>Sentimento de ameaça;</p> <p>Receio dos inimigos internos;</p> <p>Situação econômica agrava a situação psicológica;</p> <p>Futuro truncado.</p>
C2	<p>Orgulho pela resistência libanesa em 2006;</p> <p>Aceitar a imposição do destino;</p> <p>Ter paciência, confiança na comunidade;</p> <p>Confiança no Líbano;</p> <p>Presença de Deus;</p> <p>Crença na existência de pessoas boas;</p> <p>O calor e segurança oferecidos pela família;</p> <p>Necessidade, conseguir sonhar, ter esperança.</p>	<p>Sentimentos contraditórios;</p> <p>Falta de perspectiva de esperança;</p> <p>Angústia, indiferença e intranquilidade;</p> <p>Instabilidade emocional e inquietação;</p> <p>Vontade de sair do país; ódio aos políticos</p> <p>Sentimento de perda da vida; a morte de jovens combatentes. Medo cotidiano, ideiação suicida;</p> <p>Expectativa de nova guerra;</p> <p>Aceitação fatalista da situação;</p> <p>Melancolia, ódio, rancor.</p>
C3	<p>Conformismo, realismo, religiosidade;</p> <p>Crença na ajuda de Deus para progredir;</p>	<p>Impossibilidade de sonhar;</p> <p>Desesperança, projetos destruídos;</p>

	<p>Fazer o melhor de si para agradar a Deus;</p> <p>União comunitária e força de vontade para resistir;</p> <p>Apego à história e a terra;</p> <p>Adaptação à vida diária e à situação de guerra;</p> <p>Necessidade de dar continuidade a seus projetos;</p> <p>Praticidade;</p> <p>Aceitação da morte;</p> <p>Retomar e viver o dia a dia.</p>	<p>Futuro incerto, insegurança;</p> <p>Tensão por ter um inimigo sempre ao lado;</p> <p>Tristeza, perda de amigos;</p> <p>Ódio pelos políticos;</p> <p>Falta de confiança nos governantes do país;</p> <p>Instabilidade psíquica;</p> <p>Tensão por uma nova guerra;</p> <p>Falta de confiança na sociedade.</p>
--	--	--

NOTA: C1: combatentes; C2: jovens não combatentes; C3: adultos não combatentes.

Fonte: Pessoas entrevistadas.

## Quadro 2 - Lembranças marcantes

### Combatentes (C1)

Encarceramento, desonra e libertação;

A luz e a escuridão;

Período da ocupação: indignação, humilhação;

Liberção do país: alegria e recuperação da dignidade;

Sofrimento de familiares;

### Não combatentes (C2 e C3)

Ódio e medo durante a presença de Israel;

Bombardeios, o barulho dos aviões;

Perda da casa;

Sofrimento pelos mártires e da família;

Prisão, dor e medo;

Atentado de setembro de 2001;

Memória de sofrimentos na história.

Falta de alimento em casa;

ria;

Ser denunciado;

Invasões estrangeiras no passado.

A derrota de 1967 na guerra dos  
Seis Dias.

A derrota de 1967

NOTA: C1: combatentes; C2: jovens não combatentes; C3: adultos não combatentes.

Fonte: Pessoas entrevistadas.

## Comentários

Observando os fatores e sintomas que afetam os sujeitos de maneira positiva, ficam realçados o orgulho e a confiança na comunidade, aliados à fé em Deus. O senso prático, aliado ao valor da paciência, é sublinhado entre as classes. Porém todos alimentam desesperança para com o futuro do Líbano e o retorno da guerra.

Notemos também que, enquanto o combatente se esforça pelo controle da situação e na resolução dos problemas cotidianos, eles se aproximam dos mais velhos que não sonham e são pragmáticos. Já os mais jovens para suportarem a desolação necessitam sonhar, apesar de adotarem um pensamento fatalista, aguardando as boas luzes do destino.

Os sintomas que arrolamos nos três conjuntos se assemelham nas reações de angústia pelo receio de um recomeço dos bombardeios. Os sentimentos melancólicos estão associados às destruições, às mortes de pessoas próximas, à impossibilidade de prever o futuro e ao crescente recrudescimento da violência política no país, o que vai anular todos os sinais e espaços de segurança que o meio ambiente poderia lhes oferecer. Como contraponto favorável a um razoável funcionamento psíquico, o sentimento de vencer o inimigo lhes proporcionou: satisfação interior e a confirmação de que Deus estava com eles numa guerra justa, orgulho pelo desempenho do Hezbollah e honra-dez nacionalista.



As desregulações sociopolíticas internas reforçam o apego as suas terras e ao sentimento de fidelidade ao país. A experiência de viverem a mesma catástrofe reforça o sentimento de solidariedade intracomunitária: pelo dever sagrado (combatentes), pela força de vontade para resistir (mais velhos) e pela crença de estarem abrigados na comunidade (jovens). Essas três significações resumem e têm seus desdobramentos como fonte de resistência da comunidade.

## **Comentários das condições psíquicas xiitas**

As situações traumáticas vivenciadas pelo grupo, aliadas às representações individuais sombrias para o futuro, estabelece o grau de traumatismo nesse campo de afetação comum. A resiliência vai se sustentar no consistente laço simbólico que se entretém entre esses sujeitos, nas suas representações, e num projeto comunitário comum fortemente introjetado. Eles se firmam como atores contemporâneos de uma cadeia de sentido que parte de seus ícones fundadores.

O caráter político desses ícones torna-se obrigações religiosas que determinam a todo crente combater as situações de injustiça e de humilhação. Patriotismo e dever religioso superpostos alimentarão a determinação comunitária, cimentando o consistente vínculo entre esses sujeitos suas instituições e a resistência concreta de seus vilarejos. Dessa forma esses atores são o reflexo de seus imaginários. A ficção sectária molda o perfil sagrado do *mujahid*, reforçando seu Eu pelo fantasma de encarnar o ideal comunitário. Completa esse estado o fascínio de estar sob a sombra de seu líder, consensualmente visto com poderes sobrenaturais.

A resiliência, por conseguinte, não foi um produto individual, mas sim a resultante de um processo coletivo em seu projeto histórico. Portanto é o projeto identificatório consensual que possibilita que a força pulsional se inscreva no registro de um imaginário compartilhado. A força pulsional irrompe no meio ambiente e é validado fa-

zendo “que a pulsão de vida inscreva a pulsão de morte nos registros do simbólico e do laço social” (BIRMAN, 1998, p. 254). Os vínculos entre os atores constroem significações tidas como a expressão da sua “alma grupal”, e vai se encadear como ideologia promovendo uma forma de ser, pensar e agir. A ideologia, portanto, implica certa concepção do real e da situação do Eu neste real (BARANGER, 1959). Compartilhada, ela funda uma ordem social e sedimenta uma visão de mundo, *Weltanschauung*, (FREUD, 1916/1948) que sustenta o comportamento grupal e, desse modo, evita comportamentos individualizados desagregadores, como poderia acontecer numa massa disforme. Quanto à coesão da milícia e seu alinhamento nos combates, confirma-se que não é a amplitude do perigo que pode estabelecer o pânico em um grupo militar (FREUD, 1921/1981), mas sim, o sentimento de desamparo na falta da figura de um líder. Podemos estender essas observações a toda a comunidade que se intitulava “uma sociedade de resistência”.

Enfim nossos resultados confirmam estudos de campo anteriores realizados no Líbano (KARAM, 1994), apontando que as situações extremas imprimem suas marcas, porém, suas consequências traumáticas instalam-se segundo a organização psíquica de cada um e do grau de sustentação oferecido por seu entorno social.

É oportuno citar o jornal O Estado de São Paulo, de 24 de agosto de 2012, que publica as pesquisas do Pew Research Center<sup>4</sup>, em seus estudos sobre a percepção das condições de vida atual de cidadãos de diversos países. Os resultados apontam para a China com 92% de seus cidadãos que acreditam viver em condições melhores do que seus antepassados. O país mais pessimista da lista é o Líbano, com

---

<sup>4</sup> Pew Research Center é uma plataforma apartidária, que informa o público em tempo real sobre as questões, atitudes e tendências que moldam a América e o mundo. Conduz enquetes de opinião pública, pesquisa demográfica, análise de conteúdo de mídia e outras pesquisas empíricas em ciência social. (tradução livre da apresentação. Disponível em <http://www.pewresearch.org/>).

apenas 21% de seus habitantes que creem estarem em melhores condições.

Falando na língua da melancolia, podemos pensar que algo da cena traumática que inflige a dor moral, sempre permanece incorporado como um corpo estranho, dentro do sujeito que se viu submetido a essas situações. Nas elaborações subjetivas de tentativas de ultrapassagem do trauma, nunca podemos contar com uma introjeção e assimilação apaziguadora absoluta. Para o afetado sempre restará um estranhamento em relação a esses acontecimentos, advindo do fato de ele ter morado em um campo coalhado por rancores, e que se alimenta recorrentemente pela memória social. Repetição contínua que causa sensações de que perdeu períodos de sua vida vivendo na contraface de um campo simbólico mais apaziguador.

## **O mal-estar árabe encarnado nas incertezas de um professor**

Vamos reproduzir em seguida extratos de um depoimento, que serve para a finalização desse trabalho. Trata-se de um professor de confissão xiita que, com corajosa franqueza, confessa suas feridas morais e suspeições para com as lideranças e as classes dominantes do povo árabe e com a sociedade libanesa em particular. Suas observações sobre o processo de ideologização das atitudes grupais e o distanciamento da sociedade libanesa (e árabe) em relação à evolução do progresso científico e a desvalorização da cultura humanística, dão as coordenadas de todo o seu desalento, ao constatar que poucas são as esperanças de transformações de que necessita sua sociedade.

Aproveitamos o exemplo, também, para minimizar uma ideia de que a comunidade xiita se parece com uma sociedade de térmitas em sua uniformidade de atitudes e nas interpretações da sociedade. Queremos ilustrar que, evidentemente, há indivíduos, que, mesmo se definindo xiitas, se posicionam ao lado de um pensamento secular.

Participam da defesa dos direitos à liberdade individual e não temem ir contra a vontade da massa beligerante. Vejamos então:

Faysal, 53 anos, casado, professor da Universidade Libanesa (estatal). Sem engajamento religioso. Habitante da vila de Shahrour (sul do Líbano).

Apresentação de seus princípios sobre a religião e orientação política.

Meus pais nos educaram habituando-nos ao respeito pelas pessoas e abertura às diferentes confissões e a prova disso é que meu irmão é casado com uma cristã e minha irmã com um sunita. O pensamento religioso não tem nenhuma influência sobre meus comportamentos e minha vida. Minha conduta é resultado de meu caráter, minha educação pessoal recebida de minha família e de minha cultura (estudos) que alarguei posteriormente. A doutrina xiita eu a respeito como uma doutrina muçulmana, como respeito todas as outras. E como cidadão, não participo de nenhum partido político, mas sou influenciado pelo pensamento marxista e por suas análises sociais mais humanas. As fontes originárias xiitas são mensagens de abertura, mas a política existente dentro de um regime rígido as transforma em fundamentos para o fanatismo. O muçulmano crê que o Islã está no cume das religiões, mas isso não é possível, se todas vêm de uma mesma fonte. E pergunto: como um cristão pode converter-se ao islã, se ele viveu toda a sua vida crendo nas revelações dos evangelhos. E digo a mesma coisa para os muçulmanos.

### **Sobre a nação.**

O cidadão libanês declara que pertencemos a uma nação. Mas esta ideia é um ponto de interrogação, pois não existe este sentimento de querer viver em conjunto. O slogan do antigo nacionalismo árabe continua um sonho para todos [...] e resistir às invasões estrangeiras vizinhas exige mais do que armas. Podemos pegar o exemplo da Palestina e Israel, a resistência não é somente pegar numa metralhadora Kalachnikov, mas ela deve ser também uma resistência cultural, isso abrange mergulho nos estudos, aprofundamento nas próprias raízes, valorizá-las e expressá-las no comportamento e na conduta com o diferente. No Líbano, muitos de nossos direitos são roubados. Aqui

tem homens com poder de decisão que avaliam o teu desempenho social, segundo o preconceito da religião e a visão de sua comunidade.

Minha experiência individual com líderes libaneses e com outros árabes é má. Por quê? Porque infelizmente há muita mentira e hipocrisia. O nacionalismo no pensamento da burguesia é invocado para defender seus próprios interesses, e é por isso que o nacionalismo é apenas um slogan e não uma realidade social. Nosso povo não é habituado a ser franco. Esse comportamento não é uma deficiência constitutiva do cidadão, mas são as faltas no regime da educação que se ministra às crianças e aos jovens, aí estão as causas que provocam essa mentalidade.

Falta muito para considerarmos o Líbano absolutamente um país civilizado. A civilização é fruto de um pensamento racional e deste pensamento poderá advir uma boa concepção de cidadania. A ética é uma prática e não somente palavras, mas infelizmente ela é uma prática duvidosa no Líbano. Não importa qual doutrina seja implantada no Líbano, ela não vai durar se ela não se abrir ao que se passa no mundo, às revoluções intelectuais e tecnológicas. Ou se vê ou não, a evolução científica existe e todo mundo ganha com isto. A globalização não é somente econômica, ela também está na medicina, nas trocas sociais, nos costumes da família, e ninguém pode lutar contra ela. Como conviver com ela? Procurando entendê-la e a aceitando, desse modo poderemos melhor utilizá-la ou nos defendermos. Se os cidadãos xiitas quiserem se fechar em um grupo exclusivamente xiita, tendo em sua liderança um chefe que não se dispõe ao diálogo e à discussão, então teremos uma situação muito grave.

Atualmente há uma grande quantidade de jovens, meninas e rapazes que se dirigem às escolas e universidades. Sem dúvida que a universidade tem um papel importante na conscientização de cidadania para as novas gerações. De minha parte faço meu papel, uma vez por semana escolho um assunto a ser discutido em sala de aula. Em minha opinião os diálogos contínuos, dão lugar à aproximação de espaços vazios que podem existir entre alunos de diferentes confissões. O que eu peço aos jovens é de se distanciar de todos os pré-julgamentos e de se abrir ao mundo sem algum complexo.

A modernidade para o nosso país deverá vir com um regime secular. Há pessoas que pensam que um regime secular é uma apostasia. Isto não é verdade, a solução para a situação do Líbano está no regime laico. Esses conflitos me deixam com um sentimento de perda, de frustração na vida societária e uma preocupação com o futuro, pois o

fanatismo aumenta cada vez mais. Mas no fundo de sua realidade íntima, o libanês não é assim, se lhe dão uma chance ele poderá ser uma pessoa mais aberta.

### **Sobre as derrotas árabes.**

A derrota de 67 e de 73 continua a latejar em nossos corações. Não nos liberamos disso e a falta não é somente dos Estados Unidos e de Israel, mas também dos regimes árabes, pois estes não são fiéis a seus povos e seus líderes nunca estão entrosados. E quando um regime é autoritário, a injustiça permanece e se desenvolve cada vez mais. A derrota não foi somente militar, mas também e tristemente uma derrota moral.

### **O Hezbollah e a política.**

A relação entre a religião e a política é destrutiva, porque quando o conflito político se liga com o conflito religioso, o povo perde a coesão, pois ficam alinhados em diversos grupos que se digladiam. E esse fator excita uma mobilização política excessiva nas aldeias do interior. A mobilização deveria ser de ordem cultural que extrapolasse a dimensão religiosa, e que tivesse em vista somente o comportamento ético do ser humano. O Hezbollah tem essencialmente uma dúvida concernente à direção política que deve tomar o Líbano. Aqui coloca-se a seguinte questão: Qual é a direção? Há um projeto para o Líbano? Ela tem uma política árabe liberal ou se atrela a uma política no caminho dos grandes Estados como o da América do Norte?

### **O inimigo.**

O inimigo do interior do país é mais perigoso do que aquele do exterior, e eu me inquieto com isso e tenho medo da traição. Em nossa sociedade, digamos francamente, eu duvido de algumas pessoas. Há chefes políticos que cooperaram durante a guerra civil com Israel, e continuam a cooperar, todos sabem disso. Desculpe, mas no Líbano me parece que jamais teremos paz. Sempre seremos ameaçados de um lado ou de outro.

## Considerações finais

Reproduzimos esse corajoso extrato de depoimento, que repete assuntos já ventilados em testemunhos anteriores. Nosso objetivo é colocar em relevo a comoção moral em que se acham os cidadãos que não participam ativamente da arena política, queremos insistir sobre a situação traumatogênica longa, o trauma moral que se repete e o sentir-se continuamente perplexo com toda uma conjuntura social insensata, rançosa e rancorosa. Afirma um intelectual libanês: “O mal-estar é a coisa do mundo árabe que melhor se compartilha” (KASSIR, 2004, p. 09). Afetos que atravessam gerações petrificadas em um imaginário melancólico, que persiste no desenrolar das diversas catástrofes que se deflagram na marcha de sua sociedade. É o sentimento contemporâneo de desalento que dá a medida de como o cidadão árabe comum é abatido pela impotência quando toma consciência de uma realidade dura e frustrante. Herdeiro de uma sociedade rica em sua história, esplendorosa na sua época de ouro (século VII ao XIII), quando seus califados protegiam e incentivavam as artes e a ciência.

Mas hoje depois de mil anos os caminhos desse sujeito se obscurecem, pelo insidioso florescimento de grupos armados jihadistas e antiocidentais, os quais vislumbram uma sociedade equitativa somente pela implantação da lei sustentada na religião. Esses últimos sonham com o resgate desse passado de esplendor, outros ainda, querem o retorno das relações simples que se mantinham no grupo originário (os *salafistas*), onde Mohamad (Maomé) era o líder religioso e comandante político. E dessa fantasia partem para o pesadelo mortífero da hiper-violência, contra seus apóstatas e os ocidentais.

A esperança torna-se mais sombria quando o sujeito se dá conta da estagnação em que se encontram as oportunidades de mudanças democráticas nas atuais relações societárias. As fraturas das interações entre o povo com suas lideranças, da maioria dos países que compõem o Oriente Médio acentuam no homem comum a frustração e alimen-

tam sua melancolia. Melancolia por um passado recente que se diluiu, mas que foi vivido com fervor por seus avós, quando entre as correntes de pensamento floresciam ao final do século XIX a arte, a filosofia e a literatura na sua luta pelo renascimento cultural árabe, a *Nahda*, muito mais gloriosa e humanista (KASSIR S. 2004).

O mal-estar árabe ganha seus matizes sombrios quando do choque traumático da impensável derrota para Israel na Guerra dos Seis Dias em 1967. Com essa catástrofe o desalento se abate sobre amplas camadas da população, que acreditavam na utopia de Gamal Abdl Nasser e sua idealizada República Árabe Unida, igualitária, sem fronteiras e retomando seu brilho perdido. Esse duro revés veio a alimentar a implantação de regimes autoritários, que se intitulam defensores do direito individual e do arabismo, justificando sua petrificação no poder. Com o argumento da necessidade de reforçar a defesa nacional, multiplicam seus armamentos e expandem seus quadros de segurança interna, que na verdade é criado para o controle de sua própria população. Ao mesmo tempo nascem grupos armados radicais que engatam a ideologia revolucionária marxista com o pensamento milenarista e religioso.

A impotência incontestavelmente é o emblema do infortúnio árabe, sem distinção de adesões políticas ou religiosas: “Impotência em ser no que se pensa dever ser” (KASSIR, 2004 p. 16). Cidadãos que são impedidos de projetar um ideal que possa ser satisfeito mesmo em parte, pois que sua sociedade articula-se atualmente em um processo que esvazia toda chance de atingir algo almejado de seu Ideal-do-Eu.

## **Glossário das palavras árabes**

*Ashura* - Décimo dia de *Muharram* no calendário islâmico, marcando o clímax da reflexão do *Muharra*, período que assinala a morte *Hussein*.



*Fikh* - A jurisprudência islâmica, constituída pelas decisões dos académicos islâmicos que dirigem as vidas dos muçulmanos. Expansão do código de conduta presente no Alcorão

*Madrassa* - Termo árabe para escola, tanto de orientação secular como religiosa, pública ou privada.

*Marja* - Alta autoridade do Islam xiita, um grande *aiatolá* com a competência de emitir decisões legais no contexto da *xaria*, a lei islâmica,

*Marja'a taqli*: O saber que detém uma alta autoridade do Islã xiita. Um grande *aiatolá* com a competência de emitir decisões legais no contexto da *xaria* (a lei islâmica) para fiéis e outros clérigos menores.

*Mujahid* - Combatente, aquele que se empenha na luta (*jihad*); combatente no caminho de Deus, abençoado, santo; plural *mujahidin*

*Nahda* - Movimento de renovação cultural árabe havido no final do século XIX e começo do XX. Participaram intelectuais, poetas, escritores e políticos. Pela renovação da língua e de propostas políticas nas relações com os países colonialistas e o Ocidente.

*Jihad* - Dever de todo muçulmano de: a) lutar para sua renovação interior e ascensão espiritual e b) lutar pela defesa do Islam.

*Salafismo, Salafistas* - Membros do movimento reformista islâmico, surgiu no Egito no final do século XIX. Adeptos que desejam imitar os primeiros discípulos do Profeta, um retorno à primeira comunidade, onde o líder detinha o poder político e religioso. A interpretação do Alcorão é literal

*Sayyed* - Título honorífico dado aos descendentes do profeta Mohamad.

*Sheikh* - líder religioso, soberano, chefe de tribos árabes.

*Umma* - a comunidade dos crentes.

*Zakat* - O auxílio aos pobres prestado pelos muçulmanos, terceiro dos cinco pilares do Islã.

## Referências

ABRAHAM N. Le sens du symbole comme au-delà du phénomène. In: ABRAHAM, N.; TOROK, M. **L'ècorce et le noyau**. Paris: Champs Flammarion, 2001. p. 26-76.

ALCORÃO Sagrado. **Surata 2, versículo 154**. Tradução de Hayek, S. São Paulo: Ed. Centro de Divulgação do Islã para a América Latina, 1989. (Surata 4 : 57. Surata 39 : 10).

AMIR-MOEZZI, M. A.; JAMBET, C. **Qu'est-ce que le shî'isme?** Paris: Fayard, 2004.

ASSOUN P.-L. **La folie de l'ideal ou l'inconscient fanatique**. Penser/Rêver, Paris, n. 8, p. 169-188, jan 2005.

BARANGER, W. Le moi et la fonction de l'ideologie. In: \_\_\_\_\_. **La Psychanalyse**, n. 5. Paris: PUF, 1959.

BARUS-MICHEL, J. **O sujeito social**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2004.

BIRMAN, J. **De la pulsion à la culture**. Paris: L'Harmattan, 1998.

\_\_\_\_\_. A dor dos vencidos e dos vencedores. In: \_\_\_\_\_. **Cadernos sobre o mal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CABRA, M. **Indefension aprendida em situación de guerra y violêcia extrema**. Trabalho apresentado no V Congresso Internacional de trauma psíquico y stress. Buenos Aires: Argentina, 2005.

CANAVÊS, F. O trauma em tempos de vítimas. **Revista Ágora**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 39-50, jan./jun. 2015.

CHARARA, W.; DOMONT, F. **Le Hezbollah, un mouvement islamo-nationaliste**. Paris: Fayard, 2004.

CORM, G. **Géopolitique du conflit libanais**. Paris: La Découverte, 1986.

CYRULNICK, B. **Os patinhos feios**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ENRIQUEZ, E. O vínculo grupal. In: MACHADO, M. N. M. et al. (Org.). **Psicossociologia: análise social e intervenção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 61-74.

FERENCZI, S. Reflexões sobre o trauma. In: \_\_\_\_\_. **Psicanálise IV**. Tradução de Claudia Berliner. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martin Fontes, 2011. (Trabalho original publicado em 1934).

FREUD, S. Una concepción del universo. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas**. Traducción por Luis López-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1948. 2 v. p. 861-873. (Original publicado em 1916).

\_\_\_\_\_. **Totem et Tabou**. Tradução Serge Jankélévitch. Paris: Payot, 1965. (Original publicado em 1913).

\_\_\_\_\_. Naissance de la psychanalyse. In: \_\_\_\_\_. **Esquisse d'une psychologie scientifique**. Tradução de Anne Balseinte, Jean-Gilbert Delarbre e Daniel Hartman. Paris: PUF, 1973. (Original publicado em 1895).

\_\_\_\_\_. Inibições, Sintomas e ansiedade. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 20 v. p.81-171. (Original publicado em 1926).

\_\_\_\_\_. Luto e melancolia. In: **Obras completas de Sigmund Freud**. Tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago., 1977. 14 v. p. 275-291. (Original publicado em 1917).

\_\_\_\_\_. **Au-delà du principe de plaisir**. Paris: Payot, 1981a. (Original publicado em 1920).

\_\_\_\_\_. **Psychologie des foules et analyse du Moi**. Tradução de André Bourguignon. Paris: Payot, 1981b. (Original publicado em 1921).

- FREUD, S.; BULLETTI, W. C. **Thomas Woodrow Wilson, um estudo psicológico**. Tradução de Helena Lins de Barros. Rio de Janeiro: Graal, 1984. (Original publicado em 1966).
- HARIK, J. **Le Hezbollah: Le Nouveau Visage du Terrorisme**. Montreal: Stanké, 2006.
- KAES, R. **Différence Culturelle et Soufrances de l'identité**. Paris: Dunod, 1998.
- KARAM, G. **Post Traumatic Stress Disorder**. The Lebanon wars. Beirut: Programa de desenvolvimento das Nações Unidas, dep. de serviços humanitários, 1994.
- KASSIR, S. **Considérations sur le malheur arabe**. Paris: Sindbad, 2004.
- KHOSROKHAVAR, F. **Les nouveaux martyrs d'Allah**. Paris: Flamari-on. 2. ed. 2003.
- LIPIANSKY, E. M. Représentations sociales et idéologies: analyse conceptuelle. In: AEBISCHER, V.; DECONCHY, J.-P.; LIPIANSKY, E. M. **Idéologies et représentations sociales**. Fribourg: Delval, 1991.
- MERMIER, F.; PICARD, E. Introduction. In: \_\_\_\_\_. **Liban. Une guerre de 33 jours**. Paris: La Découverte, 2007.
- MERVIN, S. La religion du Hezbollah. In Mervin, S. (Coord.). **Le Hezbollah, état des lieux**. Paris: Sindbad, 2008.
- MOSCOVICI, S. **L'âge des Foules**. Bruxelles: Éditions Complexe, 1991.
- REINERT, M. **Manuel d'utilisation du logiciel Alceste**. Toulouse: Éd. de l'Université Toulouse Le Mirail, 1992.
- VERDEIL, E. Le bilan des destructions au Liban. In: MERMIER, F.; PICARD, E. (Coord.). **Liban. Une guerre de 33 jours**. Paris: La Découverte, 2007.

